



PROBLEMAS E ESFINGES SOBRE HOMOEROTISMO E EDUCAÇÃO

Gerlândia de Castro Silva Thijm¹
Josenilda Maria Maués da Silva²

Resumo

Experimento que deriva de apontamentos de teses voltados à pesquisa sobre homoerotismo e educação. Perscruta, em jogos discursivos de translações e literalidades, o que fazem os questionamentos sobre homoerotismo e educação no momento atual: se interpelam, produzem *devires* ou são respondidos e se provocam produções, fazendo emergir a abjeção ou tornam estanques os sentidos fazendo-os reprodutores de dizeres e enunciados standardizados. Recorre a uma literatura problematizadora, ora deleuziana, ora foucaultiana, ora nômade, ora anônima e quer impacientar, deslocar, tirar do lugar discursos que homogeneizam e heteronormalizam as formas de pensar a educação.

Palavras-chave: Homoerotismo. Inquietações. Abjeção.

Problemas e esfinges em educação

Enigmáticas são as inquietações em educação, meio monstros, meio mulheres, meio harpias, como na mitologia, porque seduzem, inquietam e provocam com afeto e ironia a contínua busca por soluções em *devir* e porque, ao perverterem os sentidos e perquirirem as passagens, não só evitam que se vá adiante, como atalham qualquer caminho enveredado.

Mas são as esfinges enigmáticas que se debatem ao perceberem-se estudadas, desafiadas, que provocam devoção e acendem orações para que jorros de chispas e escuridões sejam lançados em cada charada criada esperando que do verde olhar e o rugir da fúria do mostro, seja possível, ao menos, liquidá-lo fazendo com que a pérfila toxina inebrie os sentidos com apego e deboche enquanto sobrevém o combate.

Homoerotismo em educação é um problema e é uma esfinge, problema porque nas veredas da diferença e nos trânsitos por ela incididos enquanto máquina que fabrica, pontilha e produz, permite pensá-lo em lugares diversos e, em consequência, nas instituições de ensino. É, também, esfinge porque, ao ser estudado, provoca reboiços, já que a

¹ Doutora em Educação, Universidade Federal do Pará (UFPA), gerlandia@ufpa.br

² Doutora em Currículo, Universidade Federal do Pará (UFPA), josimaues@gmail.com





permissividade e o erotismo se fazem presentes e perfazem descentramentos, desfiliam autorias e acendem delíquios.

Uma saída, nas linhas de fuga dessa contenda, é investir em um ensaio de escritura cartográfica multiplicadora de eventos em jogos intensos de processualidades e experimentações para produzir uma poética da escrita que se preocupe com questões de gênero e que inclua uma pitada erótica e doses educativas em diálogo com a diferença.

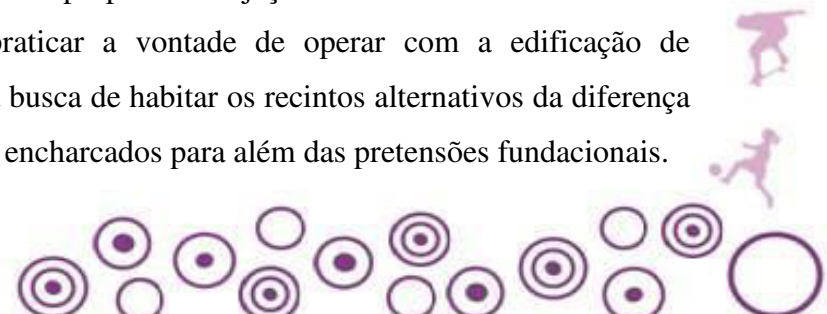
Diferença e gênero insurgem como produtos históricos que passam por artifícios de significações em que o gênero, tendo sido forjado enquanto construção social e cultural de masculinidade e feminilidade é transversalizado por ações de poder que o colocam em suspeição e até excluem referências às diferenças biológicas dando visibilidade aos aspectos culturais, mesmo que, em murmúrios, sussurros e desvarios construa-se um *falo* cultuado, venerado e desejado que, numa contraposição binária, enraíze atitudes heteronormativas presentes em suas significações.


Homoerotismo e deslocamentos da abjeção

Há ininterruptos traçados eróticos, permissivos e injuriados que na educação tem causado e permitido a circularidade de narrativas sobre o tentame homoerótico. São marcas que etiquetam e encaixilham corpos agenciando-os e standardizando suas diferenças em identidades fixas na busca por produzir o descentramento, uma vez que o querem deixar de fora do centro das discussões e, também, a desproblematização, quando naturalizam formas de exclusão e a vitimização, pois negam a positividade e criam performances negativas a serem seguidas.

O monstro esfinge, se rendido, pode permitir que conluios de corpos performáticos sejam capazes de, engendrados pelo discurso, em linhas escapadiças e incontínuas, permitir a produção e a afirmação da abjeção e da diferença virtualizadas e atualizadas num *continuum* de problematizações e recolocações, achados e criações operando, portanto, como um espaço móvel, provocativo, perturbador, instável e fronteiro, atravessado por práticas discursivas que lhe imprimem governo, performatividade e desproblematização, porém, lugar de onde emerge a possibilidade de dissensos.

Emaranhar-se pela abjeção será, então, entendê-la como o que foge à regra, lugar da dessemelhança e da não identidade, pois é próprio da abjeção se envolver no labirinto de chamamentos da subjetividade para praticar a vontade de operar com a edificação de diferentes corpos – não docilizados – na busca de habitar os recintos alternativos da diferença tornando-os forjados, mais sujos, mais encharcados para além das pretensões fundacionais.





Porém, a esfinge é mutante, já que envolve os inquiridores em um bailado libertino mostrando o ensino, discursivamente, como lugar da normalidade e do controle, um lugar da criação de corpos e formas e da modelagem de artifícios, arranjando-se como um estrado do edifício de subjetividades e engenho de identidades em que o *devenir* humano seja posto como aquele que pensa, escreve, pesquisa, sabe, conhece e ensina e, relacionando-se heteronormativamente, obedece e reproduz tais atos.

À esfinge não compete permitir que, em contraponto e ao lado de modos uniformizados se criem, sob suas ordens, subjetividades fantasiosas, forjadas, abjetas e em construção, a se compor desordenadamente, fazendo ruir o edifício do ajustamento e da homogeneidade cartesianos para projetar transgressões, diferença e *devenir* outros. E, no enfrentamento, o monstro confronta, densamente, a incoerência bélica do *devenir*, rejeita o desenho deleuziano (DELEUZE e GUATTARI, 1997; 2003) de habitação da tangente do tempo e despreza os efeitos incorporais, impedindo o ato de o sujeito/objeto fazer-se inconclusa criação, insujeita e infausta a toda resolução hegemônica de significações (VILLAÇA, 2006).


Há, no entanto, no processo de enfrentamento bélico da esfinge enigmática, a defesa infausta de posicionamentos alternativos às fiúzas que sufocam a educação para consentir a circularidade de sorções e o destroncamento das oposições, pois a definição deste ou daquele, desta ou daquela forma já não faz sentido já que “Devenir não é atingir uma forma (identificação, imitação, mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação tal qual já não seja possível distinguir-se de uma mulher, de um animal ou de uma molécula” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 43).

Este é o lança íngreme e escarpado que compõe a educação. Nele, não se permitem conformações e modelagens, tampouco, bordas e delineamentos, pois não há lugares de arrancada e chegada, nem definição de sujeitos e realidade. Há pensamentos nômades que se colocam em tangentes e paralelas e se lançam em capturas diversas não miméticas, não assimilativas, nem integrativas, mas que se desejam oscilações criativas em constante fluidez.

São movimentos que destronam qualquer esfinge sediciosa atenta a defender um prosaico intento de fixar demarcações entre o trânsito nas fronteiras da educação e do homoerotismo, fazendo-se presente pela desproblematização enquanto estilos respectivos de produzir ou excluir discursos por meio da não problematização³, ou mesmo pela centralização, arquitetada em torno da heteronormatividade, e, ainda, pela excentricidade

³ Para Foucault (2006, p. 242) a problematização é “o conjunto das práticas discursivas ou não discursivas que faz alguma coisa entrar no jogo do verdadeiro e do falso e o constitui como objeto para o pensamento”.





(DELEUZE e GUATTARI, 1997) entendida como fora do centro, porém não marginal, operando com vistas a atingir a força de discursos heteronormativos que desautorizam e docilizam a transgressão, tornando doméstico o que é estranho e idêntico o ambivalente.

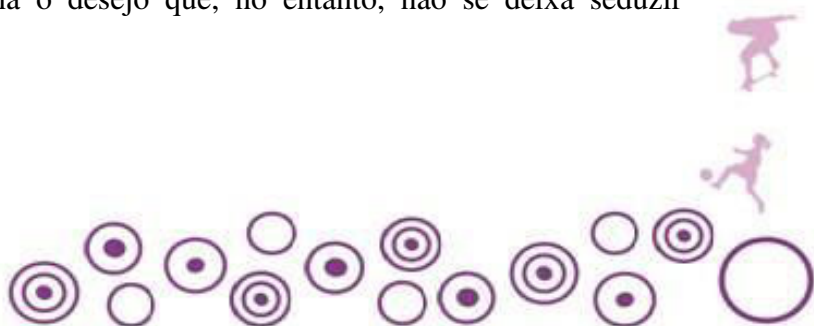
A esfinge, porém é resistente, pois, trata de enlaçar em um enredado de fios e trilhas deixados no labirinto onde só pode sobreviver a objetivação e a subjetivação do indivíduo, para si e para os outros, em jogos de poder/saber e verdades instituídos em procedimentos lacônicos de governo (FOUCAULT, 1984) sendo que estas formas dizem respeito ao que se espera enquanto condutas, condições a que se estará submetido e as posições que se ocupará frente à diferença.


A ameaçadora águia, portanto, objetiva e nomeia o sujeito da educação, apelando para o controle da subjetivação, sendo as questões fronteiriças, dispositivos que tecem tramas de práticas, discursos e técnicas que regulam tanto a submissão quanto às transgressões nos jogos de saber/poder, assegurando que, enredados nesta trama, se aceite um processo de abjeção que relegue as diferenças à condição de não aceitação social, operando na condição da exclusão ou mesmo de desproblematização que, juntamente com a excentricidade, coadunam-se na condição de fazer evidenciar no homoerotismo suas propriedades abjetas, funcionando como lugar da não anuência, do que é considerado anômalo, infame e nomeado monstruoso, ao ameaçar os padrões controláveis e previsíveis.

Nomear o abjeto se inscreve na ordem de fantasiar a ferida que constitui o texto primitivo do próprio corpo enquanto finito. “A abjeção é o lugar da dessemelhança e da não identidade. Apontar o monstruoso, o abjeto, funciona como um poderoso aliado do que Foucault chamou de sociedade panóptica, na qual comportamentos polimorfos são extraídos do corpo dos homens mediante múltiplos dispositivos de poder” (VILLAÇA, 2006, p. 74).

Operando deste modo, a harpia dos experimentos abomináveis, provoca, também, o contrassenso, já que consentirá que atue a abjeção como toxina corrosiva, que se desloca, revolta-se, rebela e desassossega toda forma de identificação do ser, numa tensão entre *affectos* e pensamentos, em um bumerangue de desejos relutados, fazendo emergir atos que são próprios da abjeção, pois "Há na Abjeção uma dessas violentas e obscuras rebeliões do ser contra qualquer coisa que o ameaça e que pareça vir de um afora ou de um adentro exorbitante, situado ao lado do possível e do tolerável, do pensável. Está ali, muito perto, mas inacessível. Isso clama, inquieta, fascina o desejo que, no entanto, não se deixa seduzir (KRISTEVA, 2006. p. 07)⁴.

⁴ Tradução livre minha.





É possível, portanto, fazer do homoerótico o lugar da positividade do sujeito/objeto, uma vez a abjeção não nomeia um sujeito, tampouco um objeto e, igualmente, não constitui qualidade, adjetivações, pois lhe próprio o interpelamento, a sedução, o adiamento e, indefinidamente, a diferença. Deste modo, em vez de gerar adaptação e anuência da condição desproblematizadora a que estão postos nas instituições de ensino, os corpos, como reinvenção, contravenção ou insubordinação se permitem criar distintas experiências e performatividades adversas a partir de sinais, códigos e atitudes que os deliberam para produzir tanto a normalidade como a contravenção.

Rescrever caminhos


Efetivamente, é da reiteração que se obtém a modelagem dos corpos, pois a reprodução dos códigos em cenas ritualizadas cria subjetividades em procedimentos performáticos, porém a inscrição abjeta do homoerotismo em vários corpos produz uma contravenção operando com a instituição da diferença. Nesse movimento, um interpelamento para o amparo das proposições dos campos discursivos da positividade e visibilidade instiga a operar com a diferença e a abjeção ao referir-se à experiência homoerótica como um lugar móvel, provocativo, perturbador e instável e lugar de onde emerge a possibilidade de desmantelamento, do não previsível e não planejável.

Há necessidade de se escapar do planejável, pois, “pensar sujeitos que escapam da via planejada, corpos que se extraviam, e põem-se à deriva é abrir possibilidades para se pensar sujeitos que encontram novas posições para viver, outro lugar para se alojar ou se mover ainda outra vez (...) eles podem ser negados, ou reafirmados, manipulados, transformados ou subvertidos” (CABRAL et. al. 2010, p. 05).

É imperativo, no entanto, decodificar como operam as práticas reiterativas e citacionais em torno da normatividade dos corpos ao estresir e repetir posições e posicionamentos, atitudes e gestos induzindo a vivenciarem-se modelos, na maioria dos acontecimentos, heteronormativos, porém, o processo de repetição jamais produz o mesmo, pois o outro idealizado incide a manifestação de performances insurgentes.

Porquanto, ainda que a esfinge desfira raios, trovoadas, e escuridão sobre seus enigmas, há uma tangente que rearranja os ruídos e inquieta os sentidos fazendo-se problematizar as performatividades que entram na constituição da experiência homoerótica na educação e o modo como a condição de abjeção homoerótica interpela, produz e é produzida neste ambiente, dando acesso à compreensão da experiência homoerótica enquanto lugar da





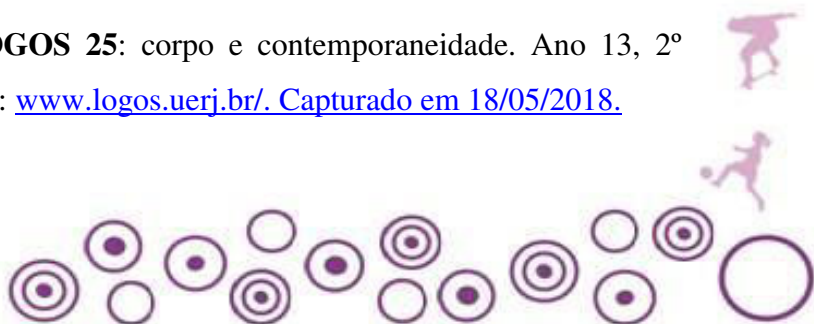
abjeção atualizado num *continuum* de problematizações e relocalizações, invenções e criações, constituindo-se, enquanto cancha do adiamento e da diferença.

Há que se atender ao interpelamento do homoerotismo e ao atravessamento das fronteiras das identificações fixas criando virtualidades (LÉVY, 1996), outros lugares e outras identidades, apesar de os corpos abjetos estarem situados em um espaço de governabilidade, controle e prescrições heteronormativas e, embora as performatividades também agenciem, por vezes, formas antes deliberadas (SILVA, 2014).

A esfinge epistemológica, ave de rapina, se interpõe na passagem, mas mandracas serão exaladas e seus ingredientes combinarão a incongruência da significação entre o homoerotismo e a educação com o deslocamento das performatividades movimentadas na composição dos acontecimentos da experiência que passarão a acontecer em uma relação fecunda com a abjeção para, em negociação, constituírem sujeitos-fronteira.

Referências

- BUTLER, Judith, **Cuerpos que Importan**. Barcelona: Paidós. 2002
- CABRAL, Arthur Grimm (et. al.) **sexo, abjeções e devires** (abalos discursivos entre corpos travestis). Disponível em: www.identidade.org.br/2010. Capturado em: 20/10/2018.
- DELEUZE, G. (1969). **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva. 2003
- _____, e GUATTARI, F. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Volume 4, Rio de Janeiro, Editora 34, pp. 18-19. 1997.
- FOUCAULT, Michel, A vida dos homens infames. In: **Ditos e escritos: estratégia, poder-saber**. Vol. IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- KRISTEVA, Julia, **Poderes de la perversion**. Ensayo sobre Louis-Ferdinand Céline. 6ª Ed. Siglo veintiuno editores. Madrid, 2006.
- LÉVY, Pierre. **O que é o virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- SILVA, Gerlândia de Castro, **Performatividade homoerótica em práticas discursivas docentes** / Tese Doutorado, PPGED/ICED/UFPA 2014. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/5882/6/Tese_PerformatividadeHomoeroticaPraticas.pdf.txt. Capturado em: 20/05/2018.
- VILLAÇA, Nízia. Sujeito/abjeto. **LOGOS 25: corpo e contemporaneidade**. Ano 13, 2º semestre 2006. pp. 73-84. Disponível em: www.logos.uerj.br/. Capturado em 18/05/2018.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas Aguiar
Diagramação: Thomas Aguiar

